

AO N.º 1945 DO



O nosso correspondente de Londres escreve-nos a seguinte

CARTA.

ILL.ªS SRS. REDACTORES DO BURLESCO.

Londres 1 de Dezembro de 1850.



Creio que já devem saber, que está completo o palacio de cristal para se fazer a Exposição monstro, e era de sobejo o edificio para os productos de todo o mundo; porém desde que por aqui passou um cahique que vinha da Figueira, e trouxe a noticia de estar toda Lisboa alvoroçada no arranjo dos objectos d'industria que para cá hão de vir, foi tal a influencia, desasocego e fadiga, que ninguem se entende.

Esperamos da sua condescendencia e patriotismo, queira concorrer com o seu contingente, enviando-nos o que julgar mais proprio e digno de ser exposto, pelo que lhe ficaremos summamente agradecidos.

Seu constante leitor

Whsygtons.

P. S. Queira mandar dizer como passa a senhora, os meninos, o Marcos, e o visinho sapateiro da escada, e dar-lhe muitos abraços da minha parte.

Resposta á presente carta.

SIR WHSYGTONS.

Recebemos a sua carta do 1.º de Dezembro, á qual nos apressamos a responder, muito principalmente por vermos que é objecto de muito interesse, e digno da nossa particular attenção.

Para lhe mandarmos, o que seria nosso desejo apparecesse na Exposição universal de Londres, precisava de tempo bastante para se obter; porém como não seja possível, remetteremos pelo primeiro paquete os seguintes objectos, os quaes nos parece merecerão a attenção dos curiosos concorrentes, que de todo o mundo ahi deverão apparecer. Esperamos que os trate com muito cuidado, e que no-los envie, logo que a Exposição acabe, por que nos fazem grande falta, por serem originaes de que jámais se poderia obter copia.

A senhora tem estado encommoada por ter trilhado um pé no macadame. O pequenão mais velho cahiu no cano que se está

fazendo na rua da Roza, quebrou a cabeça, mas vai melhor, o que é devido ao desvelo e carinho com que tem sido tratado pelas velhinhas do Felix, que expontaneamente as offereceu como enfermeiras.

Seus amigos sinceros e verdadeiros
Os Redactores.

Relação dos objectos que esta Redacção envia á Exposição de Londres,

O melhor retrato do conde caleche, pintado a oleo de mamona, no fundo, não me lembra de que.

Idem do cadastrone, em magnifica escultura, feito de massa de pão de ralla (por que a de trigo está mais cara) mas com cabeças de pavão, como vai neste Supplemento.

Idem do José dos conegos, pintado a óca e pós de sapatos, no frontispicio do Estandarte.

Idem do Marcos rôxo, pintado a rôxo terra, a pedido do mesmo sr., n'um bilhete d'uma garrafa do vinho do Porto

Uma collecção completa do Supplemento Burlesco, a pedido dos srs., nos mesmos caricaturados.

Uma seringa Albanica, de invenção do Europeu.

Umas joias vindas de Sunda, limpas pelo Lopes Limão.

Umas botas velhas do João Aliás. (Estas vão n'um caixão á parte por causa do fedor a chulé).

Um jogo completo de cassarolas, que por equivoco, deixou ficar em Lisboa o cosinheiro Lapa.

A cabeça e o coração do Recta, embrulhados em côve lombarda, para chegarem mais frescos.

O fiel retrato do Simplicio da Paixão, amigo intimo do Cadastrone, tirado a daguerreotypo.

Um caleche, feito de cascas de abobora menina, pertencente ao primeiro tranquiernista e alquilé de Portugal, forrado de pelle de cabra.

Um pipinho-feijó de nova invenção, dentro de uma caixinha de pilulas.

Uma farça intitulada — Os Annos da Menina — encadernada em sarapilheira.

O chinó Laborim, n'um caixotesinho, com agriões.

A barriga de um empregado publico dentro do bucho de uma marmota.

Uma dita de um agiota, dentro do maior tonel da bem conhecida adega do Marcos, despejado pelo mesmo Marcos.

Uma comedia em 3 actos, intitulada — Quêda de um presidente de uma associação secreta, em triumpho do mano Zé.

Um modelo de um enxota moscas, que se hade distribuir com seis pintos a cada pai da patria.

As mais encrespadas, encarquilhadas, e piladas velhas do Felix.

Uma bomba de nova invenção do compadre Ferreri.

N. B. Entendemos fazer na exposição destes objectos um grande serviço á industria, por que os estrangeiros não teem lá destes trastes.



quasi sempre devido ao exemplo, as boas ou más cousas que se fazem, e da parte dos individuos que estão no caso de o dar está a escolha delles.

Se um garoto furta um lenço é porque já viu algum furta uma caixa, etc.

Se um empregado pouco recto se engana, mettendo na algebeira o dinheiro que devia entrar n'um cofre, é por que lhe consta ou viu algum mais alto..... receber daqui e dalli, e os pagamentos irem ficando para a resurreição da carne, e por consequencia os taes — *In Hoc signo vinces* — vão seguindo o seu caminho para a calçada..... não sei de que... assim quasi por um instincto ou costume antigo; e depois diz-se: não ha dinheiro. E' verdade que não o ha, mas é onde o devia haver, por que á sombra está bastante, etc.

Ora assim como os compositores, impressores, e batedores fazem serão até de madrugada, para dahi obterem o pão nosso de cada dia (mas que não é nosso se se não ganhar com que o comprar) também altas personagens vão fazer o seu serão, escrevinhando, e o que?..... Lá vai o pavão macarroni, com a sua pavão macarronar, entreterem as noites de Dezembro. E que entretenimento tão innocente! em quanto um faz o que lhe é preciso (escrever) a companhia lê o Burlesco, a Lei, a Nação, etc., mas nunca o Estandarte, que esse é o diabo mettido n'um GRÃO... de milho! e que GRÃO! é um GRÃO que hade dar que fazer a quantos grãos estavam, estarão, e hão de estar ensacados em todas as Lojas.... (de mercearia) de Lisboa.



presentam se graves noticias da cidade eterna, que nos collocam em grandes cuidados e temiveis sustos... Dizem-nos que a Emilia assuniu a si a empreza do theatro de S. João. Até aqui seja-he parabens, e lhe desejamos boa fortuna.

Agora o que muito sentimos, e não lhe perdamos, são as repetidas instancias que faz para que entre no dito theatro o nosso Recta-Pronuncia! Ficaremos talvez sem elle! Teremos que lamentar mais esta desgraça! Dizem-nos mais que toda a cidade, em commum sussurro, applaude esta eleição, e que de todos os lados apertam o sapientissimo heroe para que acceite, ou como primeiro galan, ou como centro, bobo, ou ponto!! Seja de que modo fôr, todos o querem! E nós, e nós! que hade ser de nós! de nós, neste valle de lagrimas! Lisboa ficará orphã do melhor dos pais — deste verdadeiro pai da patria?! Não queremos o Recta no Porto—queremo-lo em Lisboa. Nós tambem temos cá o Circo de Madrid, Campo de Santa Anna, ou o Baile

Nacional. Mandem-o para algum destes logares, por que os janotas de Lisboa querem disfructar o Recta.

OS QUANDOS CABRALINOS.

Quando houve mais revoluções em Portugal?

Foi no tempo do Cabral.

Quando foi que a agiotagem e a tranquillidade poderam a tanto chegar?

Foi no tempo do Thomar.

Quando levou tudo o demonio?

Foi no tempo do Antonio.

Quando suspirou tudo em tristes ais?

Foi no tempo dos cabraes.

Quando foi liberdade o despotismo?

No tempo do cabralismo.

Quando foram os conegos ao laré?

Foi no tempo do José.

Quando foi a ladroeira divinizada?

No tempo da cabralada.

E para que estes quandoos feche

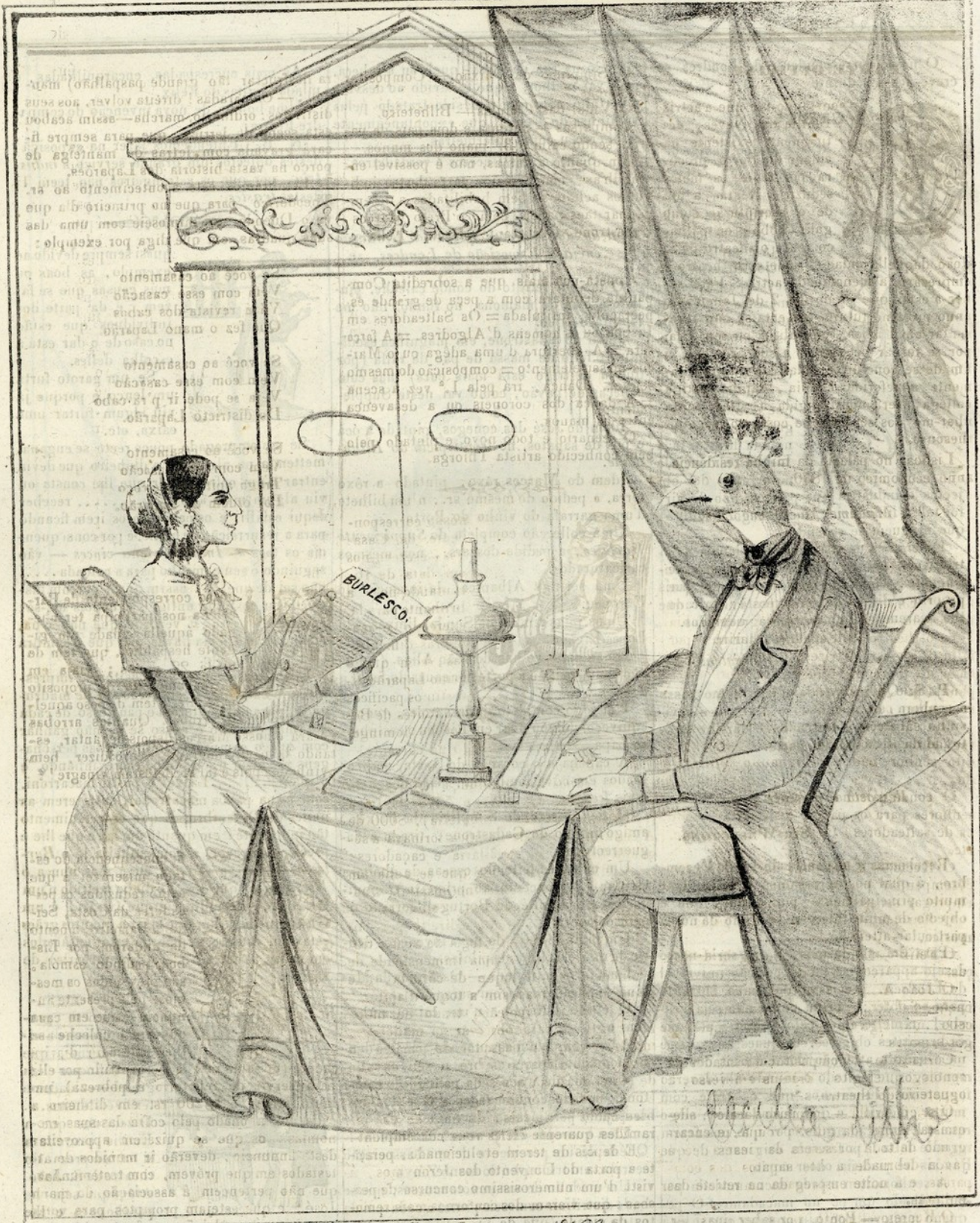
Viva o conde de caleche.

Responsavel == Manoel de Jesus Coelho

LISBOA

Typografia de Manoel de Jesus Coelho.—

Rt. do Poço dos Negros n.º 54.



de Antonio Jose Libanio d' Andrade R. da Esperança N.º 60

Um serão no Theatro!